



REFLEXÕES ANTROPOLÓGICAS SOBRE A COVID-19 E O CORPO MORTO

Anthropological reflections on COVID-19 and the dead body

Weverson Bezerra Silva

Mestrando em Antropologia, Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Email: weversonbezerra@hotmail.com

Uliana Gomes da Silva

Doutoranda em Antropologia, ambos pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Email: uliana.gomes@hotmail.com

Áltera, João Pessoa, v. 2, n. 10 – Número Especial, p. 65-72, outubro 2020

ISSN 2447-9837

RESUMO:

A situação de pandemia que o mundo enfrenta tem acarretado não apenas a perda diária de imensuráveis vidas em decorrência da covid-19, como também a implementação de mudanças importantes no que diz respeito ao manejo do corpo morto em decorrência de uma doença que se sabe altamente contagiosa. Tendo isso em mente, visamos desenvolver reflexões sobre como está ocorrendo o *post-mortem* dessas vítimas, do ponto de vista técnico e em suas implicações simbólicas no processo ritualístico, bem como as possíveis ressignificações do corpo morto. Observamos que o sistema de biossegurança implementado tem se mostrado como um elemento que dificulta o enfrentamento da dor da perda pelos familiares das vítimas da covid-19.

PALAVRAS-CHAVE:

Morte. Ritual. Covid-19. Isolamento Social. Corpo.

ABSTRACT:

The pandemic situation has led not only to the daily loss of immeasurable lives due to covid-19, but also to major changes regarding the dead body due to a disease known as highly contagious. With this in mind, we reflect on post-mortem processes of these victims, from a technical point of view and on its symbolic implications in the ritualistic process, as well as the possible resignifications of the dead body. We observed that the implemented biosafety system has proved to be an element that makes it difficult for the relatives of covid-19 victims to cope with the pain of loss.

KEYWORDS:

Death. Ritual. Covid-19. Social Isolation. Body.



Aos Corpos sem velórios

Quando começamos a escrever esse texto¹, em maio de 2020, as manchetes dos principais jornais brasileiros traziam diariamente a contagem atualizada dos casos de morte ocorridos no país pela covid-19, doença causada pelo vírus Sars-CoV-2. De repente, a morte não era mais mostrada a conta-gotas ou noticiada apenas nos casos ilustres. Essa incômoda convidada era agora debatida em redes sociais e nas televisões, penetrava as conversas entre familiares e povoava os sonhos inquietos de muitos de nós. A renovada solidão dos moribundos nos hospitais, a proibição de realizar velórios e enterramentos, as cenas de cadáveres despejados nas ruas de Guayaquil, no Equador, foram elementos que nos desafiaram a refletir sobre a morte no contexto da pandemia.

Como antropólogos, entendemos a morte e o morrer como um fato social total (MAUSS, 2003, p. 364) que permite compreender a sociedade em que vivemos e suas transformações, de acordo com o contexto histórico em que o indivíduo está inserido. Em meio a uma pandemia, em que a doença e a morte individuais se fundem numa experiência coletiva e traumática, os desafios se multiplicam, chamando a atenção não apenas para os aspectos sanitários, mas para as dimensões sociais, simbólicas, políticas e éticas desse fenômeno.

Atualmente, no Brasil, assim como em outros países, o chamado ‘isolamento social’ tem sido a principal medida sócio-sanitária implementada pelos governos com o objetivo minimizar os impactos da proliferação da covid-19. Em que pesem as enormes dificuldades para a implementação desta medida no país, o fato é que o isolamento social tem atingido diretamente os rituais fúnebres. Ausência do velório, sepultamentos restritos, túmulos sendo cavados em grande quantidade por máqui-

¹ Gostaríamos de agradecer a contribuição da nossa orientadora Mónica Franch na elaboração desse artigo.



nas escavadeiras, são algumas mudanças que a pandemia trouxe ao cenário habitual da morte e do morrer. Pensando essas práticas dentro de um contexto como o do Brasil, que tem nos rituais de enterramento um momento de expressar o vínculo com os que se foram e com os que ficam, bem como de elaborar coletivamente a perda de um ser querido, compreendemos que a pandemia modifica a forma como os sujeitos lidam com os processos envolvidos no morrer, levando-os, provavelmente, a desenvolver novas formas de significar o fim da vida de pessoas próximas.

Cabe ressaltar que essas ressignificações trazem impactos para a forma como as pessoas vão vivenciar o luto. Uma realidade marcada pela ausência da reverência ao morto, que impede a realização do ritual de despedida, traz certamente expressivas mudanças no processo de superação da perda. É importante destacar que o modo como as pessoas agem frente aos fenômenos ligados ao luto está interligado diretamente com a concepção de vida que estas pessoas têm (MOTTA, 2009).

Quando pensamos no significado tanto do velório quanto do sepultamento como rito de passagem, de reverência presencial, culto e despedida, deparamo-nos, neste período de pandemia, com um momento de repensar e restabelecer o modo como iremos lidar com os processos rituais fúnebres. Há uma quebra ou, no mínimo, uma suspensão de uma prática cultural consolidada, o luto sendo vivenciado de forma diferente. Essas mudanças têm se mostrado como elementos que dificultam o enfrentamento da dor da perda, sabendo que a prática dos rituais fúnebres se dá quando os sujeitos iniciam o processo de tomada de consciência e reconhecimento da perda. Ainda de acordo com Motta (2009), as práticas fúnebres colaboram para o enfrentamento da dor, pois “é preciso seguir a vida mesmo tendo perdido alguém”. Nas práticas fúnebres as pessoas encontram a saída ou as justificativas para lidar com a dor da perda, como um conjunto de atitudes que se realizam coletivamente. Silva (2015) também vai nesta direção ao afirmar que o culto aos mortos é uma forma que as pessoas encontram para lidar com o sentimento de perda.

Mesmo que cada grupo tenha a sua peculiaridade no processo do ritual de passagem, Mauss (2003) atenta para o fato de que os sentimentos de tristeza, dor e perda consistem em experiências usualmente associadas à morte e ao morrer. E um dos momentos de expressar esses sentimentos é no ritual fúnebre, sendo o cor-



po morto objeto de um forte investimento simbólico. No contexto de pandemia, as práticas do lidar com o corpo de um indivíduo vítima da covid-19 são especialmente afetadas, e com elas todo o processo ritual envolvido, como destaca Rial (2020):

A morte da COVID-19, a ausência dos corpos, a ausência de velórios, diminui as chances de uma última relação presencial com o morto, um último momento em que o corpo ainda está no lado da vida, cercado pelos seus. Ao contrário, estamos diante do medo do cadáver, agente ele mesmo de morte, e esse medo inconscientemente provavelmente se traduzirá em uma agressividade em relação ao morto, a uma aversão prematura, mas protetora. As fantasias do contágio do morto, simbólicos, aqui são bem reais (RIAL, 2020, p.5).

A palavra “velório”, termo luso-brasileiro, vem do ato de velar, olhar pelo morto durante as últimas horas que passa no mundo dos vivos, quando estes protegem o morto para garantir que ele não se perca do caminho que leva da morte à outra vida (REESINK 1995, p. 92). Dessa forma, de acordo com o pensamento de Reesink, o processo de velório consiste em uma exposição do corpo, para ser visto no grupo social, pois é uma ocasião pública (RODRIGUES, 1983).

Entretanto, em tempos de pandemia as medidas recomendadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) estabeleceram novas formas de enterrar ou cremar os mortos. No Brasil, o Ministério da Saúde utiliza o termo de “manejo de corpos” ou “manuseio do corpo” no *post-mortem*, termos técnicos que, se bem podem dar conta das dimensões sanitárias da morte, também objetificam os corpos e produzem profundo impacto social. Neste ensaio, visamos a desenvolver reflexões de como está sendo o sistema de *post-mortem* da vítima da covid-19, do ponto de vista técnico e em suas implicações simbólicas.

Consumada a morte de um indivíduo, existem as representações que circundam formas específicas de como tratar o corpo². Em tempos de pandemia, temos o fortalecimento das normas sanitárias para o corpo morto, por exemplo, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) intensifica as normas de orientações de cuidado com o corpo através do Comunicado DVST-CVS 09/2020, em função do caráter altamente contagioso do vírus Sars-CoV2, causador da covid-19. Percebe-se diante desse comunicado uma intensificação nas normas higienizadoras. A forma de lidar com o corpo morto vem

² Para compreender as formas que a sociedade lida com o corpo morto consultar Morais (2009).



passando por modificações ao longo do tempo. A proibição de enterros nos espaços das igrejas, a construção de cemitérios em locais específicos no campo urbano, estão relacionadas como o processo urbano higienizador conforme é apontado por (MOTTA, 2009). Nesse período de pandemia, percebemos que essas mudanças continuam acontecendo, trazendo modificações nas concepções e práticas em relação à despedida.

Nesse novo contexto, o velório não pode ter a participação de quaisquer pessoas do grupo de risco como gestantes, portadores de doenças crônicas, maiores de 60 anos, pessoas com problemas respiratórios e imunodeprimidos. Diversos autores, como Reesink (1995) e Turner (1974), indicam que os rituais de passagem que cercam a morte e o morrer são processos eminentemente coletivos. Essas afirmações nos levaram a ponderar sobre em que medida a experiência coletiva no processo de velar o corpo interfere positivamente no processo de luto do indivíduo. O corpo seria a última lembrança, a materialidade na memória para os vivos, o lugar onde se apoia o rito de passagem, desde o momento de agregação até a separação total.

Embora não haja consenso, reconhecemos que o morrer em período de epidemia como o que estamos vivenciando envolve uma grande carga de sofrimentos, além de estigmas e reações negativas sobre o não ver o cadáver do seu “ente querido”. Guias de orientações, medidas provisórias e treinamento foram realizados para a prevenção e controle de infectados para saber como gerenciar os corpos dos mortos por covid-19.

Outro aspecto importante diz respeito à liberação de enterrar com a declaração de óbito, que é o primeiro documento jurídico atestando a morte de um indivíduo. Essa declaração de óbito é elaborada com a data e hora do óbito e a *causa mortis*; o indivíduo que recebia essa declaração precisava ir ao cartório de registro civil com a documentação do morto para fazer o atestado de óbito. Porém, podemos perceber a urgência do distanciamento do corpo do convívio social por causa da sua *causa mortis* por coronavírus (covid-19), quando o atestado de óbito não é mais necessário para enterrar, sendo liberados os enterros com a declaração de óbito.

Nesse contexto, uma das formas de manifestar presença frente à morte de um ser próximo seria a realização de um enterro à distância via *web*, os chamados enterros online, para os que não podem participar. Pensar nesses sistemas dos processos da morte faz pensar também nas modificações e adaptações dessas práticas de morrer. Cabe



frisar que procedimentos como esses colaboram no entendimento de como a sociedade ocidental (não) pensa na morte em seus contextos, algo que não é debatido, como procedimentos em tempos de guerras, epidemias etc., por isso é necessário pensar em estrutura coletiva de políticas públicas e práticas para os mortos que vão muito além do enterrar.

Nessa nova forma de ritualística, não temos os abraços, os apertos de mãos seguidos de cumprimento, as reuniões, os reencontros, as celebrações religiosas de modo presencial. Essas práticas deram lugar a caixões lacrados, cerimônias fúnebres restritas, palavras de conforto proferidas em ligações telefônicas, mensagens e publicações em redes sociais e até a um aumento de velórios e memoriais virtuais. Um sofrimento que é gerado pela falta de vivenciar o luto, pela falta do último adeus, como era de costume.

Pensar sobre esse contexto de forma a observar e buscar entender como esses processos estão acontecendo se mostra uma tarefa antropológica importante, pois nos convida a refletir sobre a mudança no modo como as pessoas estão vivenciando os rituais fúnebres em meio a uma experiência traumática coletiva. No decorrer deste texto, trouxemos alguns conceitos, situações e apontamentos que visam tecer um diálogo antropológico abordando as mudanças que vêm acontecendo frente aos processos de vivenciar o luto. O processo de luto é subjetivo, ou seja, cada pessoa vai vivenciar e expressar de uma forma diferente, mas os rituais fúnebres que acontecem no campo da coletividade exercem um papel fundamental no enfrentamento da perda.

Refletimos, então, que os guias de orientações levantadas no artigo apontam para uma restrição das práticas religiosas e culturais dos indivíduos no processo do rito de passagem. Mesmo no caso da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), as preocupações com a dignidade dos mortos e suas relações culturais e tradicionais deveriam ser respeitadas. Porém, como realizar manifestações tais se o isolamento social e o prazo de enterrar são determinados (?), casos como pessoas que morreram foram enterradas de forma errada, como seria a sensação dessas famílias (?), ou os próprios familiares abrindo cova para os seus mortos pela escassez de coveiros. São questões sociais que precisam ser problematizadas. Esses indivíduos não só lidam com seus próprios sentimentos, como também com o imaginário social de calamidade em contexto de pandemia.



REFERÊNCIAS

- MAUSS, M.. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- MORAIS, I.. **Pela hora da morte**: estudo sobre o empresariar da morte e do morrer uma etnografia do grupo parque das flores em Alagoas. (Tese de Doutorado em Antropologia). Universidade Federal De Pernambuco, Recife, 2009.
- MOTTA, A.. À flor da pedra. Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. Recife: Massangana, 2009.
- REESINK [LINS], Mísia. (1995), **Morte, católicos e imaginário**: o caso do Alto do Reservatório, Casa Amarela. Dissertação de mestrado em antropologia, PPGA, UFPE.
- RIAL, C.. Mortes Belas, Mortes Boas, Mortes Malignas e a Covid-19. **ANPOCS, Boletim n.20 - Ciências Sociais e Coronavírus**. 2020. Disponível em: < http://anpocs.com/images/stories/boletim/boletim_CS/Boletim_n20.pdf> Acesso em: 30 maio 2020.
- RODRIGUES, J. C.. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro, Achiamé, 1983.
- SILVA, U. G. da . **“Já cumpri minha obrigação”**: um olhar antropológico sobre o cemitério da comunidade Nossa Senhora da Guia, Lucena /PB (Monografia Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. João Pessoa, 55 f, 2015.
- TURNER, V.. O processo ritual. In: TURNER, V. **Liminaridade e Communitas** Petrópolis: Vozes, p.116-159, 1974.

Recebido em: 31/05/2020

Aceito para publicação em: 20/06/2020

